

O Silêncio do Buda

Paulo A. E. Borges

(Universidade de Lisboa / Presidente da União Budista Portuguesa)

A experiência budista do silêncio é a do silêncio do Buda. Recordamos dois momentos exemplares. Num o Buda pura e simplesmente permanece em silêncio total, perante a assembleia dos seus auditores, enquanto segura uma flor de lótus numa das mãos. Diz-se que, no decurso desse silêncio, um dos presentes alcançou o Despertar. No outro o Buda é questionado, por um certo Vacchagotta: “Há um *Atman* [um Si, uma essência, uma identidade] ?”. Perante o seu total silêncio, surge uma nova pergunta: “Então, venerável Gautama, não há *Atman* ?”. E o Buda permanece igualmente silencioso. Perante isto, Vacchagotta parte. É então que, interrogado por um discípulo, Ananda, sobre o sentido do seu silêncio, o Buda explica que, se houvesse afirmado ou negado a existência do *si*, isso teria como consequência que Vacchagotta aderisse a uma das duas posições extremas acerca da natureza do eu e das coisas: o eternalismo ou essencialismo, que afirma a sua existência permanente e independente, em si e por si; o niilismo, que a nega em absoluto. Ou seja, em qualquer dos casos Vacchagotta seria induzido, pela sua tendência a prender-se ao sentido das palavras, a uma visão falsa da natureza última da realidade. A qual, na experiência *búdica*, ou seja, numa experiência livre de qualquer pressuposto ou referência, transcende completamente qualquer teoria, conceito e palavra, como os de “si”, ser e não ser.

Por isso o grande sábio indiano Nagarjuna escreve: “Abençoada a pacificação de todo o acto de apropriação, a pacificação da proliferação das palavras e das coisas. Jamais um qualquer ponto de doutrina foi ensinado a quem quer que seja pelo Buda” (*Madhyamaka-karikas*, 25, 24). Nagarjuna mostra assim que o corolário da sua exaustiva análise e redução ao absurdo dos fundamentais conceitos e palavras que estruturam a percepção habitual da realidade é, não a sua substituição por uma nova teoria supostamente mais verdadeira, mas a terapêutica e libertadora abstenção desse sofrimento (*dukkha*) mentalmente auto-imposto que consiste em produzir doutrinas. Sofrimento inerente ao desejo de possuir um quadro objectivo de referências, mental e real, que nada demonstra

acerca da sua validade, a não ser a insegurança e sofrimento inerentes a esse mesmo desejo ou, noutra perspectiva, ao não reconhecimento do estado naturalmente não-conceptual, livre e iluminado da mente, isso mesmo que o termo *Buda* designa.

Há que redescobrir pois a subtil comunhão e eloquência do silêncio. Como terapia também dos tempos que correm, onde a invenção da solidão e da distância nunca originou tantos frustrados meios de a tentar vencer, aumentando-a afinal. Onde nunca se investiu tanto na comunicação por incapacidade de comungar. Por incapacidade de comungar esse espaço interior do silêncio onde a verdadeira comunicação, que dispensa pensamentos e palavras, se processa naturalmente. Sem o estorvo do ruído mental, materializado na logorreia mediática. Porque, como o disse Agostinho da Silva: “[...] o que se tem de importante a participar, ou a comunicar, sempre as duas palavras no seu significado etimológico de fazer do outro uma parte de nós ou um comungante do que somos, isso se faz chegar e a nós volta, mais rico, muito mais pelo silêncio do que pela palavra, escrita ou falada”.

Mas, se o silêncio excede a palavra, não quer isso dizer que a palavra não possa promover o silêncio e essa comunhão e comunicação mais funda que nele se processa. Assim acontece sempre que, seja por essa *Arte de se calar* de que fala o Abade Dinouart no seu opúsculo de 1771, seja por um mais difícil calar-se falando, a palavra entremostra o silêncio onde habita. O silêncio onde habitamos. Pois como poderíamos pensar, falar e perceber-nos se entre os e nos nossos pensamentos, palavras e corpos não houvesse o vazio, o silêncio e o espaço ? Se o que é não fosse tecido do seu próprio não ser ? Mas é por ignorarmos isto que nos cremos real e solidamente existentes e nos atafulhamos de pensamentos, imagens, palavras, coisas e experiências. Para mais nos distrairmos da Luz que somos, mais nos sentirmos alguém separado dos outros, mais vivermos o desejo, a aversão e a indiferença que daí resultam e mais comunicarmos tudo isso. Para que todos sempre mais tenhamos aquilo a que todos temos direito: ignorância e sofrimento.

A ignorância e o sofrimento de mil e um conceitos e palavras. Disfarçados de cultura. Etiquetas, corrimões e muletas. Para nos tornarmos visíveis e impedir que caiamos. No anonimato do que é tal qual. No anonimato do Despertar. Ou em Deus, como dizem os nossos irmãos teístas. Ou no que digam todos os nossos outros irmãos, ateus, agnósticos ou nada disso.